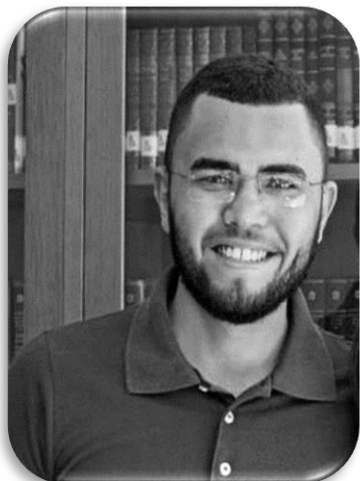




DO MEGAFONE AO OTIMISMO: O SOFRIMENTO HUMANO NA PERSPECTIVA DE VIKTOR E. FRANKL E C.S. LEWIS

From megaphone to optimism: human suffering from Viktor E. Frankl and C.S. Lewis's perspective

Ercácio Nunes de Oliveira *



* Graduado em Teologia pela Faculdade Batista do Cariri.
Contato:
ercacio.nunes@hotmail.com

RESUMO:

O presente artigo buscou compreender de que maneira o pensamento de Viktor E. Frankl e C.S. Lewis podem dialogar no que se refere à temática do sofrimento. À vista disso, analisou-se algumas obras de ambos os autores, os quais representam de um lado, a perspectiva de uma linha teórica da psicologia e do outro, uma abordagem teológica, respectivamente. Para Frankl, o sofrimento não se configura como um mal necessário, porém considerando sua realidade, é um dos grandes geradores da perda de sentido e o ponto de partida para uma mudança de atitude. Na visão de C.S. Lewis, Deus não só está por trás do sofrimento, como ele mesmo é a resolução para o mesmo. Deus seria aquele que ampara e consola os sofredores, pois é o único que pode satisfazer o vazio existencial que há em nós.

PALAVRAS-CHAVE: Sofrimento; Frankl, Lewis.

ABSTRACT:

The present article aimed to understand how the thoughts of Viktor E. Frankl and C.S. Lewis can dialogue about the subject of suffering. In light of this, some works by both authors were analyzed, which represent, on the one hand, the perspective of a theoretical line of psychology and, on the other, a theological approach, respectively. For Frankl, suffering is not a necessary evil, but considering its reality, it is one of the great generators of loss of meaning and the starting point for a change of attitude. In C. Lewis's view, God is not only behind suffering, but He himself is the resolution to it. God would be the one who supports and comforts the sufferers, for He is the only one who can satisfy the existential emptiness in us.

KEYWORDS: Suffering; Frankl, Lewis.

INTRODUÇÃO

Viktor E. Frankl (1905 - 1997) e Clives S. Lewis (1898 - 1963). Dois autores de grande contribuição para a literatura mundial; duas trajetórias de sucesso acadêmico; duas vidas perpassadas por um contexto de guerras e aflições. Não obstante as particularidades de cada um, ambos puderam escrever sobre um tema controverso e presente na vida de todas as pessoas, o problema do sofrimento humano. Considerando, pois, a abrangência do assunto, e tomando a importância das contribuições de Frankl e Lewis para o tema, buscamos contribuir através de um diálogo entre os dois autores, haja vista termos na Teologia e na Logoterapia uma tentativa de dar respostas convincentes sobre o assunto

Dentro desse diálogo tem-se dois escritores situados em áreas diferentes do saber. Frankl, psicoterapeuta, e Lewis, um teólogo, apresentam vieses distintos na discussão sobre a questão do sofrimento, o que torna inevitável a presença de concordâncias e discordâncias. No entanto, o objetivo desse trabalho é ampliar a discussão sobre o sofrimento humano a partir de dois escritores renomados e que vivenciaram muito fortemente o sofrimento em suas vidas. Observaremos inicialmente a visão logoterápica de Viktor Frankl sobre o problema do sofrimento humano. A seguir exporemos as ideias de C.S. Lewis sobre o assunto. Em ambos os casos é possível encontrar, de acordo com os autores, a origem, desenvolvimento e resolução do sofrimento. Por fim, analisaremos de que modo eles se tocam em suas teses, e como a discussão sobre o sofrimento é benéfica na compreensão e auxílio desse fenômeno.

1 - O SOFRIMENTO HUMANO NA PERSPECTIVA LOGOTERAPÊUTICA DE VIKTOR E. FRANKL

Conceituar o sofrimento na perspectiva de Viktor Frankl não é algo meramente abstrato. Ficará evidente que o entendimento sobre esse fenômeno no pensamento dele está estreitamente ligado à manifestação das suas consequências. Em outras palavras, o conceito de sofrimento só pode ser compreendido se associado ao processo da perda de sentido, que é o resultado natural segundo ele. Para entendermos melhor essa ideia, será necessário observarmos alguns conceitos presentes na Logoterapia e como eles se relacionam com a proposta apresentada.

1.1 O sofrimento humano como um gerador da falta de sentido

A Logoterapia é uma terapia centrada no sentido (vem da palavra grega *λόγος* = logos) da vida. Nela o homem é entendido sobre três pilares: a liberdade da vontade, a vontade de sentido e o sentido da vida (FRANKL, 2011). No livro *A Presença Não Ignorada de Deus* nos são apresentados esses pilares:

No primeiro, o ser humano é visto como alguém livre e responsável. Reconhece as contingências da vida, mas entende que ainda assim é possível escolher como agir. No segundo, é a motivação genuína do ser humano, um anseio primordial, que emerge na puberdade. O terceiro, corresponde à visão filosófica da análise da existência. Uma compreensão no sentido incondicional da vida que se expressa na capacidade de suportar a incapacidade de compreender racionalmente o fato de que a vida tem um sentido incondicional (FRANKL, 2007, p. 31-32).

O que Viktor Frankl chama de *vontade de sentido*¹ corresponde a um “esforço (...) básico do homem na direção de encontrar e realizar sentidos e propósitos” (FRANKL, 2011, p. 50). É uma frustração do ser humano que surge sempre que ele se depara com sentimento de falta de sentido e vazio (FRANKL, 2016).

Nesse conceito, por mais que o ser humano não reconheça ou conheça o sentido para a sua vida, ainda assim vive em função dele. Segundo Frankl (2008), a busca por um sentido é a maior busca do ser humano. Porém, ainda que em escala de importância seja a maior, há uma grande rejeição pela busca de sentido, e “mais do que nunca, o desespero devido à aparente falta de sentido da vida tornou-se um problema urgente e expressivo em escala mundial” (FRANKL, 2011, p. 206).

Einstein certa vez afirmou o seguinte: “Quem sente que sua vida não tem sentido, não apenas é infeliz senão também pouco capaz de viver” (EINSTEIN apud FRANKL, 2015, p. 23). Essa infelicidade é proveniente da falta de sentido, e acaba gerando desespero. Mas tal questão parece ser apresentada de modo circular por ele, porque a mesma falta de sentido advém do sofrimento, algo que Frankl (2015) teve a oportunidade de observar no exercício da sua função como psiquiatra através do conceito de *tríade trágica*. O termo é um conceito

¹ “A logoterapia, porém, não trata apenas da vontade de sentido em geral, mas aborda ainda uma vontade de sentido último” (FRANKL, 2007, p.116). Algo que iremos trabalhar mais adiante.

logoterápico que se refere aos três aspectos da existência humana que são geradores da perda de sentido, dentre os quais está o sofrimento².

Quando o homem, desprovido dos artifícios necessários, se depara com o sofrimento, pode decair em um vazio existencial. A questão não é meramente evitar o sofrimento, pois ele pode ser tanto de caráter voluntário como involuntário. Frankl exemplifica isto no livro *A Vontade de Sentido*, em que diz: “ (...) às vezes, o confronto do ser humano com o sofrimento é inevitável, de que o homem é um ser que, cedo ou tarde, deve encarar a morte e que, antes de fazê-lo, deve sofrer – apesar de todo o avanço da ciência, tão cultuada pelo progressismo cientificista”, e ainda: “o homem é responsável pelo que fizer, por quem amar e por como sofrer” (FRANKL, 2011, p. 93, 96). Assim, o sofrimento não é algo que sempre vem alheio ao homem, mas, sem desprezar o caráter involuntário do sofrimento, ele tem participação ativa no processo.

É preciso, então, que algo seja feito para que o indivíduo consiga superar tal situação e prossiga sem aquilo que o tem impedido de continuar (algo que será visto mais a frente). Frankl (2011) afirma: “uma vez que a vontade de sentido do homem é satisfeita, ele se torna capaz de suportar o sofrimento, de lidar com frustrações e tensões, e – se necessário for – ele está preparado para dar a própria vida.” (FRANKL, 2011, p. 206-207). Se a necessidade básica for satisfeita, ainda que o sofrimento continue, haverá motivos plausíveis para manter-se forte.

1.2 O sofrimento como uma possibilidade de conquista

A Logoterapia busca ser otimista frente ao sofrimento humano, mas é necessário que se adotem atitudes específicas para que mesmo em meio ao sofrimento, o indivíduo consiga extrair dele uma vitória. Aqui importa enfatizar o conceito de *resiliência*³, pois nela os comportamentos negativos são transformados em novas possibilidades, fazendo a pessoa encontrar valores apesar do sofrimento (MOREIRA & HOLANDA, 2010, p. 350). Na Logoterapia ela ganha um novo termo e uma nova roupagem. Frankl a chama de *Otimismo*

² No seu livro *Em Busca de Sentido* (2008), Frankl aborda o conceito de “Tríade Trágica” como sendo três aspectos da vida humana que trazem em si o potencial de extirpar o sentido da vida de alguém, sendo eles: a culpa, o sofrimento e a finitude da vida. Não é que os três precisem estar presentes para que isso aconteça, mas um só aspecto já carrega esse potencial.

³ “A resiliência pode ser definida como uma adaptação positiva em resposta a determinada adversidade; superando-a, inclusive.” (MOREIRA & HOLANDA, 2010, p. 350)

*Trágico*⁴, que vem de uma palavra latina *optimum* que significa “melhor”, e da qual deriva a palavra otimismo. Tal conceito descreve uma disposição positiva em meio às tragédias, especificadas na concepção de *Tríade Trágica* (FRANKL, 2008, p.161).

Frankl, sem hesitar, frisava a possibilidade de, mesmo em meio ao sofrimento, o homem poder viver uma vida meritória. Diz ele que isso só seria possível se o mesmo enfrentasse o sofrimento com atitude e postura corretas (FRANKL, 2007, p.90). Ele não via o sofrimento como algo que definitivamente usurparia o sentido da vida, havendo grandes possibilidades de o inverso acontecer ao considerar que existe um sentido potencial e incondicional.

Segundo Frankl, as formas de se conseguir encontrar o sentido da vida em meio ao sofrimento estariam contidas em três atitudes:

Eu os classifiquei com os seguintes nomes: valores de criação, valores de experiência e valores de atitude. Essa sequência reflete as três principais vias através das quais o ser humano encontra sentido em sua vida. O primeiro grupo se refere ao que o homem dá ao mundo, sob a forma de suas ‘obras’, de suas criações. O segundo se relaciona ao que o homem recebe do mundo, em termos de encontros e experiências. Por fim, o terceiro diz respeito à atitude que se toma, à postura que se adota diante da vida, quando se é defrontado com um destino que não se pode mudar. É por essa razão que a vida nunca cessa de abrigar um sentido, já que até mesmo uma pessoa que se encontra privada de valores de criação ou de experiência é, ainda, desafiada por um sentido a preencher, isto é, pelo sentido inerente a um modo reto e digno de vivenciar o próprio sofrimento. (FRANKL, 2011, p. 91)

Como estamos traçando uma linha que liga uma ação em prol do combate ao sofrimento, continuaremos considerando apenas os valores de atitude. Ele diz o seguinte sobre eles: “Os valores de atitudes constituem os mais altos valores possíveis. O sentido do sofrimento – do inevitável e inescapável sofrimento em si, obviamente – constitui o mais profundo sentido possível.” (FRANKL, 2011, p. 97). O ser humano é responsável pelo sentido potencial da sua vida. O verdadeiro sentido deve ser descoberto no mundo e não dentro da pessoa humana.

Frankl, citando Søren Kierkegaard, diz o seguinte:

Mesmo que a loucura mostre a mim o manto escarlate, eu ainda poderei salvar a minha alma, se eu quiser agradar a Deus”, isto é, mesmo que eu seja atormentado por uma psicose, ainda assim, poderei escolher minha atitude diante desse sofrimento, podendo, assim, transformá-lo numa conquista (KIERKEGAARD apud FRANKL, 2011, p. 172).

⁴ A resolução dada pelo otimismo trágico seria de transformar o sofrimento numa conquista ou numa realização humana; tirar da culpa a oportunidade de melhorar a sua situação; e fazer da finitude da vida um incentivo para realizar ações responsáveis (FRANKL, 2008).

A essa atitude frente ao sofrimento, que é uma característica antropológica fundamental na Logoterapia, ele chama de *Autodistanciamento*, entendido como uma especificidade humana de se contrapor aos condicionamentos humanos, por exemplo, encontrando um sentido no próprio sofrimento.

Outro conceito semelhante é o da *Autotranscedência*, que seria a capacidade especificamente humana de sair de sua esfera e de se fazer participante de algo ou alguém que está no mundo e que não seja a própria pessoa⁵.

1.3 O sofrimento humano e o suprasentido

Viktor Frankl sempre deixou claro que a psicoterapia e a religião são coisas diferentes. Uma citação bastante encontrada em seus livros é a que “o alvo da psicoterapia é a cura da alma, ao passo que o alvo da religião, por seu turno, é a salvação da alma” (FRANKL, 2007, p. 73). Obviamente que ele não está anulando o caráter medicinal da religião, mas o seu propósito é demonstrar que há distinções entre os dois campos. Porém, ainda que isso seja uma verdade, não é possível desvincular completamente essas duas vertentes, pois ambas exercem papéis bem similares em alguns aspectos.

É inegável que tenha havido uma influência judaica nos seus escritos, porém, isso não quer dizer que a linguagem usada por Frankl quando se refere as categorias religiosas corresponda às mesmas do judaísmo. Uma forma de demonstrar isso é pelo termo “espiritual” muito usado no contexto teológico, e que diferentemente em Frankl, não tem conotação essencialmente religiosa. Ela é a melhor tradução do original alemão *geist*, que se refere ao noológico⁶ (MOREIRA & HOLANDA, 2010, p. 352).

Aquino (2014) amplia a nossa compreensão sobre esse tema ao afirmar que o relacionamento com um Deus pessoal constituiria uma via para a compreensão de sentido para

⁵ <http://ablae.org.br/conceitos>

⁶ “Visto que neuroses noogênicas são neuroses que surgem ‘do espiritual’ é fácil compreender que elas também precisam de uma psicoterapia que parta ‘do espiritual’. E é assim que a logoterapia se entende.” (FRANKL, 2016, p. 164)

o homem religioso. O tema da vontade de sentido está em conexão com a religiosidade humana e o relacionamento inevitável com Deus⁷.

Existe um relacionamento muito forte do ser humano com uma dimensão além da que pode conceber, e isso claramente é assumido por Frankl quando afirma que: “assim como o animal não tem condições de entender o ser humano e seu mundo a partir do seu próprio *habitat*, também o ser humano não tem condições de apreender o supramundo a ponto de entender Deus ou mesmo entender seus desígnios” (FRANKL, 2007, p. 75). Não é um Deus totalmente acessível. Não é uma dimensão que possa facilmente ser compreendida pelo indivíduo.

Frankl entendia que existem momentos em que as circunstâncias não ficarão satisfeitas com respostas ou soluções quaisquer. “Não seria de se presumir que o mundo humano, por sua vez, seja transcendido por outro mundo, não acessível ao ser humano, cujo sentido, cujo suprasentido, unicamente, poderia dar sentido ao seu sofrimento?” (FRANKL, 2007, p.76). Precisa haver algo que está além do ser humano e do mundo natural que nos apresente uma solução consolável e que possibilite autotranscedência. “Esse sentido último necessariamente excede e ultrapassa a capacidade intelectual finita do ser humano” (FRANKL, 2008, p.142).

A Logoterapia não pretende confundir os limites entre a psicoterapia e religião, mas deixa a porta aberta para esta última, cabendo ao paciente a escolha de entrar por ela ou não⁸. Viktor Frankl admite que o sofrimento tem um poder purificador no ser humano, e que às vezes a única resposta dada ao sofrimento vem pelo silêncio de uma fé no super-sentido (MOREIRA & HOLANDA, 2010, p. 349).

1.4 O sofrimento e o sentido da vida

De acordo com Aquino (2014), Viktor Frankl acreditava que aquilo que torna o ser humano verdadeiramente precioso é quando ele alcança a realização do sentido na sua vida,

⁷ “A análise existencial descobriu, dentro da espiritualidade inconsciente do ser humano, algo como uma religiosidade inconsciente no sentido de um relacionamento inconsciente com Deus, de uma relação com o transcendente, que, pelo visto, é imanente no ser humano, embora muitas vezes permaneça latente.” (FRANKL, 2007, p.58)

⁸ “Em todo caso, pode-se dizer que a Logoterapia – que é sempre e primordialmente uma psicoterapia e que, enquanto tal, pertence ao âmbito da psiquiatria e da medicina – está legitimada a ocupar-se não só com a ‘vontade de sentido’, como a Logoterapia o designa, mas também com a vontade de um sentido último, com um suprasentido, como costume chamá-lo; e a fé religiosa é, afinal de contas, uma fé nesse suprasentido – uma confiança no suprasentido.” (FRANKL, 2015, p. 89)

especialmente quando este vem do contato que o indivíduo tem com o mundo ao responder às questões que são apresentadas para ele em forma de desafios. Todo esse processo não pode ser de responsabilidade de um segundo ou terceiro, mas cabe ao próprio sujeito empreender tal busca (FRANKL, 2016) especialmente quando consideramos que o sentido pertence ao indivíduo; é o seu sentido. Não é o sentido do outro, mas cada um tem um sentido específico para a sua vida (FRANKL, 2015).

O sofrimento tem um sentido, e a análise da existência de Viktor Frankl expõe pelo menos cinco constatações essenciais: 1) O sofrimento faz parte da vida; 2) Um sofrimento desnecessário seria masoquismo, enquanto que transformá-lo em uma conquista seria heroísmo; 3) O sofrimento não retira o sentido da vida; 4) Quando o ser humano não extrai um sentido para o seu sofrimento está propenso ao desespero; 5) No sofrimento, há também um valor a ser desvelado: o de atitude (AQUINO, 2014) Observe que o sofrimento tem o potencial de abalar as estruturas existências do ser humano, mas pode também servir de alavanca conduzindo-o para um patamar superior como indivíduo⁹.

Frankl cita os ensinamentos do mestre judeu Hillel, que sintetizou uma profunda sabedoria de vida por meio de três perguntas: Se eu não o faço, quem o fará? E se eu não o faço agora, quando se fará? E se só para mim o faço, o que é que eu sou afinal? Para Frankl, a primeira pergunta se remeteria à unicidade do sentido e da pessoa humana. Assim, o sentido é intransferível, pois seria dado para um determinado sujeito. Já a segunda pergunta se relacionaria com a transitoriedade do sentido; se o ser humano o realiza, realiza para sempre, salvando na perenidade do passado. Por fim, a última pergunta despertaria a autotranscendência do ser humano, desviando o olhar de qualquer vantagem pessoal (AQUINO, 2014)

Autotranscedência é o ato do homem transcender a si mesmo tanto em direção a um outro ser humano, quanto em busca do sentido. É nela que se constitui a essência da existência. Ser humano é ser direcionado a algo que não a si mesmo (FRANKL, 2011) O ser humano sempre vai apontar para algo que está além de si mesmo; para algo que não é ele mesmo – para

⁹ “Frankl, por sua vez, compreende que a meta mais nobre do ser humano seria a autotranscendência, fenômeno especificamente humano que significa que quanto mais a pessoa encontra-se voltada para algo ou alguém, mais humana será. “ (AQUINO, 2014, p. 40)

algo ou para alguém: para um sentido a ser cumprido, ou para um outro ser humano, a cujo encontro nos dirigimos, por exemplo, com amor.

Quando o homem se depara com o sofrimento, é possível que na maioria das vezes ele se pergunte qual o propósito daquilo. Pode até silenciar frente ao seu sofrimento, mas isso só acontecerá se ele acreditar, consciente ou não, que aquele sofrimento tem algum sentido. O sentido está lá. Cabe a ele descobrir qual sentido está por trás de tudo aquilo, a fim de transformar seu Sofrimento em um triunfo (FRANKL, 2011). Pois, como o próprio Frankl afirmou: “Sofrimento de certo modo deixa de ser sofrimento no instante em que encontra um sentido” (FRANKL, 2008, p.137).

Após termos observado o modo como Viktor Frankl aborda o sofrimento humano, suas implicações e a forma sugerida para uma resolução, passaremos a considerar o que C.S. Lewis afirma sobre esse assunto.

2 - O SOFRIMENTO HUMANO NA PERSPECTIVA TEOLÓGICA DE C.S. LEWIS

Em 1940, C.S. Lewis escreveu um livro intitulado *O Problema do Sofrimento*, sendo a sua primeira obra notavelmente apologética que busca desenvolver uma linha entre a existência de Deus relacionada ao inevitável Sofrimento e mal, o qual vemos e provamos na nossa vivência. Precisamos reconhecer que é necessário conhecimento para tratar sobre qualquer assunto, e isto acontece também com o tema do sofrimento. Então, para Lewis escrever sobre o sofrimento, teria propriedade suficiente para isso?

2.1 O sofrimento humano e o livre arbítrio

Lewis entendia o sofrimento em dois sentidos: 1) um tipo mais leve que mesmo reconhecido pelo paciente pode não ser combatido; e 2) “Qualquer experiência, seja física, seja mental, de que o paciente não gosta”. O primeiro tipo pode se tornar o segundo, mas o segundo pode existir independente do primeiro, pois às vezes se confunde com o sinônimo de ‘padecimento’, ‘angústia’, ‘aflição’, ‘adversidade’ ou ‘problema’ e é em torno dele que surge o problema do sofrimento (LEWIS, 2009).

Ele reconhece que o segundo tipo de sofrimento pode se manifestar de duas formas diferentes, sendo uma física e outra mental¹⁰. O sofrimento mental não chama tanta atenção como o sofrimento físico, porém, o sofrimento mental é mais comum de acontecer e mais difícil de suportar¹¹ (LEWIS, 2009).

No livro *O Problema do Sofrimento* Lewis elenca cinco proposições necessárias sobre o sofrimento¹². Todas são importantes, mas uma delas chama muita atenção por sua ousadia, que seria a ideia de que o Sofrimento comporta em si duas faces: uma boa e uma má, formando assim um forte paradoxo. Mencionar o lado mal do sofrimento não é uma grande novidade, especialmente pela experiência prática que temos, entretanto, falar de benefícios do sofrimento sempre é um grande desafio.

Para Lewis, excluir o sofrimento numa ordem natural e para homens de livre ação seria como acabar com a própria vida (LEWIS, 2009). Gabriele Greggersen amplia a ideia dos benefícios do sofrimento:

Um dos maiores aprendizados, e assim, benefícios que o sofrimento pode (paradoxalmente) trazer é abrimos mão de nossa auto-suficiência e deixar-nos usar por Deus para a realização do seu propósito maior, que aceitamos pela fé. É assim que nos tornamos co-criadores desse mundo, participando efetivamente do Seu Plano de Resgate do mesmo das garras do tirano que nos escraviza desde a queda, e isso, sem que ele se dê conta disso (GREGGERSEN, 2009, p.4).

Quando a autora menciona Deus como aquele que dá sentido ao Sofrimento, a velha questão da teodiceia é trazida à tona. Ou seja, se Deus existe e é justo e amoroso, como pode permitir que as suas criaturas sofram? Tal questão é um tema bastante trabalhado por Lewis no livro *O Problema do Sofrimento*, e o modo como ele aborda é mostrando que isso é possível

¹⁰ Creio que o propósito de Lewis em desenvolver tal ideia não é que um necessariamente anule o outro, ou de contrariar o interacionismo corpo e mente.

¹¹ “Lewis faz distinção entre sofrimento físico e emocional: ‘A aflição é como um avião de artilharia circulando e jogando bombas em você, sempre que o círculo se forma sobre a sua cabeça; a dor física é como uma barragem local em uma trincheira da Primeira Guerra Mundial, dentro da qual você permanece por horas, sem poder se levantar por um só momento. O pensamento nunca é estático; o sofrimento, muitas vezes é.’” (NICHOLI, 2005, p. 214)

¹² 1. Há certo paradoxo no Cristianismo acerca da tribulação, entre ser uma benção e ainda assim lutarmos para sairmos dele. 2. Se a tribulação é um elemento necessário à redenção, devemos antecipar que ela nunca cessará enquanto Deus não declarar o mundo redimido ou não mais passível de remissão. 3. Visto que as questões políticas aqui cruzaram nosso caminho, devo deixar claro que a doutrina cristã da entrega de si mesmo e da obediência é puramente teológica. 4. A doutrina cristã do sofrimento explica, suponho, um fato muito curioso no que tange ao mundo em que vivemos. A felicidade e a segurança consolidadas que todos almejamos, Deus as retém de nós pela própria natureza do mundo, mas a alegria, o prazer e a diversão Ele os dispersou por toda parte. Nunca estamos seguros, mas temos muita diversão e poucos momentos de enlevo. 5. Jamais devemos tornar o problema do sofrimento pior do que já é, aludindo vagamente a uma ‘soma inimaginável de infelicidade humana’.

por causa da natureza de Deus e o livre arbítrio humano. Gabriele Greggersen novamente nos ajuda a entender a relação existente entre Deus e o sofrimento:

Uma das regras observadas por Deus é a do sentido ou da não contradição: Ele começa pela idéia de Deus como Todo poderoso. Qual o sentido da Onipotência de Deus? Será que ele pode fazer o que bem entende? Sim, tudo exceto o impossível intrínseco. Você pode lhe atribuir milagres, mas não o absurdo: ‘O absurdo continua sendo absurdo, mesmo quando estamos falando de Deus.’ Indo mais fundo nessa idéia da Onipotência Divina, Lewis construiu um universo próprio: um universo no qual almas livres, ou talvez, como costumamos dizer nos dias de hoje, pessoas, podem comunicar. Nesse processo, ele descobre que ‘nem mesmo a Onipotência poderia criar uma sociedade de almas livres sem criar, ao mesmo tempo uma Natureza relativamente independente e ‘inexorável’; que uma natureza fixa implica na possibilidade, ainda que não na necessidade, do mal e do sofrimento... ‘Tente excluir a possibilidade de sofrimento que a ordem da natureza e a existência do livre-arbítrio envolvem e descobrirá que excluiu a própria vida’. (GREGGERSEN, 2009, p. 2-3)

No livro *Cristianismo Puro e Simples*, Lewis faz alusão à tese agostiniana sobre a autoria do mal¹³ e a natureza do bem¹⁴ quando afirma: “o que tornou possível a existência do mal foi o livre-arbítrio. (...) apesar de possibilitar a maldade, é também aquilo que torna possível qualquer tipo de amor, bondade e alegria.” (LEWIS, 2009 b, p. 63). Com isso, demonstra que, para ele, Deus tem bons motivos para permitir o Sofrimento. A exemplo disso, se Deus deu a liberdade do homem em tomar as suas próprias decisões, não permitir que ele errasse seria infringir os seus propósitos¹⁵ (GREGGERSEN, 2009, p. 2).

2.2 O sofrimento como o megafone de Deus

Vimos anteriormente que, na perspectiva de Lewis, Deus criou o homem livre para tomar decisões na sua vida, e por conta dessa liberdade o homem muitas vezes faz escolhas erradas que acabam comprometendo a sua felicidade ou a do seu próximo. Dentro da noção lewisiana de sofrimento, Deus tem propósitos bem definidos para permitir que tal coisa

¹³ “Certamente, pois o mal não poderia ser cometido sem ter algum autor. Mas caso me perguntes quem seja o autor, não o poderia dizer. Com efeito, não existe um só e único autor. Pois cada pessoa ao cometê-lo é o autor de sua má ação. Se duvida, reflete no que já dissemos acima: as más ações são punidas pela justiça de Deus. Ora, elas não seriam punidas com justiça, se não tivessem sido praticadas de modo voluntário” (AGOSTINHO, 1995, p. 25-26).

¹⁴ “Recordemos então quantos bens pudermos, pois é justo atribuí-los a Deus, seu autor.” (AGOSTINHO, 1992, p. 49).

¹⁵ “Deus é onipotente, sim, mas não agiria contra a natureza por Ele mesmo criada. Violar a liberdade de sua criatura seria uma dessas “infrações” que não combinam com a essência e os propósitos divinos. (...) tal essência segue regras que não podemos reconhecer completamente, mas que podemos intuir, de modo semelhante ao que acontece com as regras da matemática.” (GREGGERSEN, 2009, p. 83)

aconteça na vida dos seres humanos. Um desses propósitos é exatamente para conduzir o mesmo homem a voltar-se para Deus ou alcançar um patamar espiritual diferente.

Deus age por meio do sofrimento para que o homem se arrependa das suas desventuras, mas, ainda que muitos dos seus pecados já tenham sido corrigidos, o sofrimento pode ser experimentado a fim de que haja uma transformação intentada por Deus para ele. A questão levantada por Lewis da necessidade de Deus fazer uso do sofrimento para chamar a atenção do homem é respondida por ele da seguinte forma: “Todos já observaram como é difícil pensar em Deus quando tudo está indo bem ” (LEWIS, 2009, p.109). Em outras palavras, o homem tem a tendência de se acostumar com os benefícios de Deus, mas não se volta para o beneficiador. Amam as coisas de Deus, mas não se aprazem no Deus das coisas.

A esse modo de Deus chamar a atenção do homem o autor chama de efeito “Megafone”. Nele, o sofrimento tem o papel da voz que clama por atenção. Não é que Deus não chame a atenção do ser humano por outros meios. Pelo contrário, “Deus nos sussurra em nossos prazeres, fala em nossa consciência, mas brada em nosso sofrimento: o sofrimento é o megafone de Deus para despertar um mundo surdo” (LEWIS, 2009, p. 105-106). Segundo ele, não existe um meio mais eficaz de chamar a atenção do que o sofrimento.

Isso não quer dizer que o sofrimento sempre leve o indivíduo a uma ação responsável diante de Deus. Pois, seguindo a metáfora do “Megafone”, o som sempre será ouvido, mas as pessoas que a ouvirão decidirão o que fazer após serem chamadas a atenção. É um chamado a uma decisão frente a Deus de considerá-lo ou desprezá-lo.

Lewis não nega que o sofrimento seja mau, nem que Deus produza o sofrimento, mas que Ele o usa para reverter em bem (NICHOLI, 2005, p. 226). Por exemplo, no livro *O Peso de Glória* ele acredita que os seres humanos têm a tendência de julgar as coisas em uma perspectiva materialista, e é por isso que sempre que se fala em sofrimento ou morte, os homens pensam ser o maior mal (LEWIS, 2008, p. 78), o que não é verdade, especialmente quando consideramos que Deus tem um propósito excelente para esses fenômenos.

O problema não recai sobre Deus, pois fomos nós que pecamos e trouxemos o que de pior tinha nas consequências dos nossos erros. Gabriele Gregersen (2012) coloca que, segundo Lewis, independente da maldade humana, Deus vai cumprir os seus desígnios, e assim sendo não temos nenhum motivo de culparmos o Todo-Poderoso pelo que há de errado no mundo,

pelo contrário, devemos agradecer a ele por ainda na sua misericórdia, transformar os nossos pecados em benefícios. Um desses benefícios é quando o Sofrimento assume a função de pedagogo.

Alister McGrath (2013), na sua biografia sobre Lewis, afirma que o sofrimento pode nos ensinar sobre quando tomamos rumos errados ou fazemos coisas perversas. O sofrimento, às vezes, pode ser entendido como educativo ou catártico em diferentes sentidos (MACSWAIN; WARD, 2015, p. 271). Lewis afirma: “Vi grande beleza de espírito em grandes sofredores. Vi homens, em sua maior parte, melhorarem – não piorarem – com o passar dos anos e vi a doença terminal produzir tesouros de força moral e humildade nos pacientes menos promissores” (LEWIS, 2009, p. 122). O sofrimento pode ser o caminho para a graça transformadora (PIPER; MATHIS, 2017, p. 142).

2.3 O sofrimento e Deus

Entender como C.S. Lewis trabalhou a ideia de padrão para a moralidade é de suma importância aqui. Primeiramente, ele não acreditava que a moralidade era um construto social presente em todas as sociedades. “Existe algo que está além e acima dos fatos comuns do comportamento humano” (LEWIS, 2009 b, p. 28), que ele denominou como uma “Lei Moral” colocada por Deus nas mentes dos homens¹⁶.

O homem precisa de um padrão, e não pode se basear apenas no próprio “eu” confiando que será capaz de mudar a realidade para melhor com as suas próprias decisões morais. É este um dos temas visto na *Abolição do Homem*, onde Lewis condena a presunção humana afirmando que “aqueles que se abstêm de todos os juízos de valor jamais terão como encontrar um fundamento para preferir um impulso aos demais, exceto pela força emocional desse impulso.” (LEWIS, 2012, p. 62). A coisa se torna o inverso, pois não é o “eu” humano que deve ser o padrão de julgamento moral, mas é a partir do “eu” interior que temos a possibilidade

¹⁶ “Temos dois indícios que dão prova desse alguém. Um deles é o universo por ele criado (...). O outro indício é a Lei Moral que ele pôs em nossa mente.” (LEWIS, 2009 b, p. 40)

de enxergar que existe algo além de mim mesmo que me impulsiona a tomar decisões corretas¹⁷ (LEWIS, 2009 b, p. 34).

Lewis (2012, p.63) diz, por exemplo, que não é possível alguém que tenha abandonado a visão tradicional e teísta de moralidade, ter progredido moralmente. É necessário um padrão que esteja além de nós, e que nos diga como devemos viver e nos portar eticamente. Apesar de já termos considerado alguns aspectos benéficos do sofrimento, existe um outro benefício que está relacionado com a forma como Deus pretende aperfeiçoar os seres humanos não apenas no âmbito moral, mas em todas dimensões da sua vida e da relação com os outros (LEWIS, 2009, p. 126). É como se Deus estivesse fazendo um teste, não para que Ele saiba de algo a mais sobre as suas criaturas, mas como afirmou o próprio Lewis,

Deus certamente não estava fazendo uma experiência com minha fé nem com meu amor para provar sua qualidade. Ele já os conhecia muito bem. Eu é que não. Nesse julgamento, ele nos faz ocupar o banco dos réus, o banco das testemunhas e o assento do juiz de uma só vez. Ele sempre soube que meu templo era um castelo de cartas. A única forma de fazer-me compreender o fato foi colocá-lo abaixo. (LEWIS, 2007, p. 73).

É como que uma exposição da nossa condição diante de Deus, e de como agiremos diante das tribulações que a vida impõe. Um aperfeiçoamento da nossa fé, como uma peça rústica de ouro puro que se transforma em um lindo anel. Foi exatamente isso que aconteceu com Lewis, como relata McGrath (2013) fazendo menção ao período de luto na vida dele¹⁸: “No fim, a tempestade se acalmou, e as ondas pararam de se arrebentar contra a casa da fé onde residia Lewis. O ataque havia sido extremo, e o teste, rigoroso. O resultado, porém, foi uma fé que, como o ouro, havia passado pelo fogo do crisol” (MCGRATH, 2013, p. 359). É como se Deus dissesse: “acabou o teste e você foi aprovado. Agora passemos para um novo estágio da sua maturação”.

O problema maior de associar o sofrimento com a existência de Deus sendo o sentido último, é exatamente a forma errônea de compreender o amor que Deus concede aos seres humanos. Em muitos casos buscamos exacerbadamente algo que está além do que Deus quer para nós, e sempre o que acontece é exatamente que o objeto do nosso desejo é a arma que tirará

¹⁷ “O único envelope que posso abrir é o Ser Humano. Quando o faço, e especialmente quando abro o Ser Humano chamado ‘Eu’, descubro que não existo por mim mesmo, mas que vivo sob uma lei, que algo ou alguém quer que eu me comporte de determinada forma.” (LEWIS, 2009 b, p. 34)

¹⁸ Joy Davidman morreu de câncer aos 45 anos no hospital Radcliffe Infirmary de Oxford, no dia 13 de julho de 1960. (MCGRATH, 2013)

a nossa felicidade. O homem precisa ser ensinado e mudado constantemente para se adequar a um padrão de vida que esteja nos parâmetros de Deus para o sentido da sua vida, e isso acontecerá por meio da restrição dos direitos do homem, que também inclui o sofrimento.

2.4 O sofrimento, a Alegria e a promessa do céu

Quando Lewis fala sobre alegria, ele não está simplesmente se referindo a um estado de satisfação ou de prazer momentâneo. A forma como ele define alegria vai além da relação dos nossos sentidos com experiências estéticas (LEWIS, 2015). A busca pela alegria, segundo Alister McGrath (2013, p. 83), “viria a ser um tema central na vida de Lewis e em sua atividade de escritor”.

A alegria é muito mais um desejo a ser satisfeito, que as consequências de uma conquista realizada (é possível que ele tenha se referido a isso quando citou a diferença da alegria e a Felicidade ou o Prazer). Não é um anelo satisfeito, mas um anelo muito desejado. Alegria não pode ser produzida, mas alegria simplesmente vem.

Será se dentro dessa experiência com a alegria caberia o anseio pela promessa futura encontrada no céu prometida pelo Cristianismo? O próprio Lewis afirma que a nossa alma “tem uma forma curiosa porque ela é um buraco feito para se ajustar a uma protuberância específica nos contornos infinitos da substância divina” (LEWIS, 2009, p.165).

Lewis se referia às alegrias do céu como aquilo que contrabalança os sofrimentos terrenos¹⁹, e essa afirmativa não pode ser desvinculada da pessoa de Deus. Ou seja, o céu não é uma entidade produtora de alegria autônoma à presença e atuação divina. O céu sempre precisa ser visto como a promessa de que Deus se alegrará com o seu povo em cumprimento da sua promessa futura aos crentes.

Para C.S. Lewis, mais uma vez lembrando Agostinho²⁰, Deus é a fonte de toda a felicidade. E “a maior parte da nossa infelicidade e miséria vivida ao longo dos séculos resulta do esforço por encontrar felicidade à parte dessa Fonte” (NICHOLI, 2005, p. 225). No livro *Os*

¹⁹ “um livro sobre o sofrimento que não diga nada sobre o céu está praticamente omitindo todo um lado da história. As Escrituras e a tradição têm por hábito contrabalançar as alegrias do céu no prato da balança com os sofrimentos terrenos, e nenhuma solução do problema do sofrimento que não fizer o mesmo poderá ser chamada de cristã.” (LEWIS, 2009, p. 161-162)

²⁰ AGOSTINHO, 1992, p. 45.

Quatro Amores, Lewis afirma que as experiências humanas de felicidade, quer da mente, como do corpo, carregam alguma semelhança e uma proximidade com aquilo que Deus é (LEWIS, 2009c). É como se não tivéssemos como desvincular a Alegria da promessa do céu, e da promessa do céu com Deus, e vice e versa.

Aquilo que aguardamos em vida é precisamente aquilo que receberemos na morte. Os nossos corpos físicos almejam a esperança da vida eterna, e esse mesmo corpo receberá o suprimento da necessidade tão desejada. É um “anseio inconsolável” que achará consolo no paraíso de Deus, onde o próprio Deus será o proporcionador de tal sentimento: “Deus (...) olhará para cada alma como seu primeiro amor porque Ele é seu primeiro amor, e seu lugar no céu parecerá ser feito para você, e só para você, porque você foi feito para ele” (LEWIS, 2009, p.165).

A esperança do céu não pode nos fazer insensíveis as necessidades humanas ou da nossa responsabilidade social. O sofrimento pode ser dissipado (ou atenuado) quando olhamos para a promessa que tanto desejamos, mas devemos lembrar que enquanto não estamos lá, devemos saber nos portar frente aos desafios que se nos apresentarão, como ele disse em carta a uma amiga americana: “um dos maiores desafios é aprender a viver as preocupações do dia, sem transferi-las do passado ou do futuro” (apud GREGGERSEN, 2010, p. 5). Portanto, Deus, o céu e a alegria são formas de suportar e encontrar conforto no Sofrimento enquanto estivermos atuando como criaturas no mundo criado por Ele.

Enquanto consideramos a perspectiva de Viktor E. Frankl e de C.S. Lewis sobre o sofrimento humano, é possível observar a presença de semelhanças e diferenças na forma como eles abordam o assunto. Independentemente dos resultados apurados em uma comparação, vemos que o assunto abordado por eles pode suscitar questionamentos importantes. É o que iremos analisar no próximo capítulo.

3 - UMA PROPOSTA DE DIÁLOGO ENTRE VIKTOR FRANKL E C.S. LEWIS SOBRE O SOFRIMENTO HUMANO

Além de serem afetados com as duas grandes guerras²¹, as suas teorias sobre o Sofrimento humano também receberam importantes influências para o escopo geral das suas obras. Viktor Frankl recebeu forte influência da psicanálise de Sigmund Freud²²(1856 – 1939), da psicologia individual de Alfred Adler (1870 - 1937), da fenomenologia em Edmund Husserl (1859 – 1938) e Max Scheler (1875 – 1928), e do existencialismo de Martin Heidegger (1889 - 1976) (VADELL, 2016), sem falar na sua influência judaica (HERTZ, 2011).

C.S. Lewis, semelhante a Viktor Frankl, recebeu fortes influências da psicanálise freudiana (NICHOLI, 2005). Obviamente não ficou por aí, pois ele também acabou sendo moldado pelas obras do filósofo e crítico literário Owen Barfield (1908 – 1997), pela filosofia de Austin Farrer (1904 - 1968) e, ligados à sua conversão ao Cristianismo, temos J.R.R. Tolkien (1892 – 1973), George MacDonald (1824 - 1905) e G.K. Chesterton (1874 - 1936), dentre outros (BELL & DAWSON, 2006). É possível ouvir nas palavras de ambos, até mesmo sobre o tema do sofrimento humano, os sussurros (ou os gritos) desses autores que foram citados.

Algo que evidencia isso está no modo como eles trabalham a origem do sofrimento humano. Percebe-se o teor teológico em C.S. Lewis quando ele explica que o grande motivo para que o sofrimento seja possível e até mesmo necessário é a liberdade humana, que Deus impôs a partir do momento em que criou o mundo e instituiu a realidade (GREGGERSEN, 2009). Deus criou os homens dotados de liberdade para tomarem as suas decisões, e elas consequentemente serão boas ou más²³, pois dependerão do modo como o ser humano manuseia a criação ao seu redor.

Segundo Lewis, o sofrimento ainda que não seja agradável e esteja aparentemente revestido de um caráter mau, ele faz parte dos planos de Deus, mesmo que não seja possível

²¹ Viktor Frankl e C.S. Lewis têm alguns traços biográficos que se tocam. Enquanto C.S. Lewis juntava-se as companhias de combate da Primeira Guerra Mundial em 1917, Viktor Frankl ainda era um jovem de 12 anos que alimentava o seu interesse por psicologia. Mas, durante o tempo em que Viktor Frankl era levado de um campo de concentração para o outro (de 1942 a 1945), C.S. Lewis fazia palestras no Programa Nacional da BBC em Broadcasting House, com o fim de atingir positivamente os envolvidos direto ou indiretamente com a Segunda Guerra Mundial (MCGRATH, 2013).

²² Com quem chegou a trocar correspondências (FRANKL, 2010).

²³ Ele afirma que Deus teria o poder de, por um ato milagroso, evitar as consequências do primeiro pecado no jardim do Éden, porém, estaria comprometido para “eliminar as consequências do segundo pecado, e do terceiro, e assim por diante”, o que não seria “suficientemente bom” (LEWIS, 2009, p. 81).

observar claramente seus benefícios imediatos (LEWIS, 2007). Por outro lado, Viktor Frankl não deixa claro nos seus escritos o que entende sobre a origem do sofrimento. É possível que não tenha sido o seu propósito tratar sobre esse assunto, e apenas pressupor a sua existência pela observação empírica. O que encontramos sobre esse tópico nos seus escritos é aquela circularidade que envolve o sofrimento e a perda de sentido.

Segundo ele, o sofrimento é um dos grandes geradores da perda de sentido, junto com a culpa e a finitude da vida²⁴. Ou seja, um dos motivos dos homens e mulheres se depararem com um sentido minado é quando eles se deparam com um sofrimento físico, emocional, espiritual, etc. Algo que os conduz a refletirem se vale a pena lutar contra aquela situação ou entregar os pontos. A perda de sentido causada pelo sofrimento (ou como ele mesmo denominou de *vácuo existencial*²⁵) acarreta um novo sofrimento (FRANKL, 2015).

Não é apenas na maneira como eles enxergam as origens do sofrimento que percebemos certas diferenças, mas na forma como o definem. Como foi visto, Viktor Frankl parece pressupor o sofrimento como algo certo, e não busca esmiuçar sua origem, o que parece acontecer também com sua definição. Ele percebe o sofrimento como um dos elementos da *tríade trágica*; algo ruim que deve ser evitado pelos homens; um mal capaz de afetar a maior busca do ser humano: o sentido para viver (FRANKL, 2008). Com isso surge um questionamento muito válido: qual o padrão usado por Viktor Frankl para entender o sofrimento dessa forma? Ainda que não esteja falando diretamente com Frankl, C.S. Lewis responde a essa pergunta.

De acordo com a perspectiva de Lewis, só é possível entendermos o sofrimento nas categorias corretas se tivermos um padrão universal de moralidade (LEWIS, 2009 b). Na verdade, esta é a tônica do início do livro *Cristianismo Puro e Simples*, que busca demonstrar que é necessário existir uma Lei Universal como explicação da unificação de pontos essenciais da moralidade. Como saberemos se o sofrimento é de fato um sofrimento (ruim, doloroso, mal, etc.) sem uma referência a que seguir (LEWIS, 2012)? Não pode ser um construto social, pois quem definiria o que é ou não sofrimento? Se fosse assim, não teríamos garantia de que amanhã o sofrimento, como entendemos hoje, seria, de fato, um sofrimento. Como saberei se estou, por

²⁴ Como já observamos anteriormente quando trabalhamos o conceito de *Tríade Trágica*.

²⁵ FRANKL, 2015, p. 9

meio do sofrimento, progredindo por lições aprendidas, ou de que modo julgarei se estou colhendo benefícios ou malefícios do sofrimento (LEWIS, 2012)? O Deus judaico-cristão seria a única resposta²⁶!

Embora Viktor Frankl tenha sido um teísta com influências judaicas (HERTZ, 2011), nas suas obras não trabalhou um parâmetro fora do homem para julgar o que de fato seria o sofrimento humano; um arquétipo universal que nos dê base para sabermos se aquilo é de fato um sofrimento ou não. Talvez o relativismo apresentado por ele no conceito de Deus²⁷ (FRANKL, 2007) e na busca individual do sentido (FRANKL, 2015) comprometa o seu conceito de sofrimento, impedindo-o de definir se o sofrimento é bom ou mal, e se é possível falar de progresso ou regresso no trato com ele.

Apesar dessa lacuna na sua teoria sobre o sofrimento, segundo ele, o responsável por boa parte do sofrimento que existe no mundo é o próprio homem; ele é o gerador de tão grande mal. Certa vez ele afirmou o seguinte sobre os responsáveis pelas torturas praticadas pelos homens no campo de concentração: “Como é possível que pessoas de carne e osso cheguem a infligir tamanho sofrimento a outros seres humanos?” (FRANKL, 2008, p. 109). Todo o sofrimento causado ali demonstra o potencial humano para a maldade e atrocidades. Apesar dessas descrições, não temos dados suficientes para explorar o modo como ele via a essência humana (se boa ou má desde o nascimento). Semelhante à abordagem de Viktor Frankl, C.S. Lewis também entendia o homem como o responsável pelo mal e sofrimento que existem no mundo (FRANKL, 2009 b). Com uma pequena, mas significativa, diferença²⁸: Deus também está por trás do sofrimento²⁹.

²⁶ “Meu argumento contra Deus era o de que o universo parecia injusto e cruel. No entanto, de onde eu tirara essa idéia de *justo e injusto*?” (LEWIS, 2009 b, p. 51).

²⁷ “Assim como existe uma multiplicidade de línguas, elas não deixam de ter um alfabeto em comum. De uma forma ou de outra, em sua diversidade, as diferentes religiões são como idiomas diferentes: ninguém pode dizer que a sua língua seja superior às outras; em cada língua o ser humano pode chegar-se à verdade – à mesma verdade uma, e em cada língua ele pode errar e até mentir. Assim, também por meio de qualquer religião ele pode encontrar Deus, o Deus uno.” (FRANKL, 2007, p. 79).

²⁸ Na obra de Frankl é possível ver alguns lampejos de uma crença similar, mas nada que nos garanta que ele também cria assim. Vejamos um exemplo descrito por ele em um diálogo com sua filha de seis anos: “Por que dizemos que o Senhor é bom?” Eu repliquei: ‘Faz algumas semanas você teve sarampo, e então o Senhor, em sua *bondade*, fez você sarar completamente’. Mas a pequena não se deu por satisfeita e retrucou: ‘Ora, pai, não esqueça que, para começar, foi ele que me fez pegar o sarampo’” (FRANKL, 2008, p. 142).

²⁹ É uma questão muito complexa a de explicarmos detalhadamente como esse processo se dá. A discussão gira em torno da Soberania de Deus e da Responsabilidade humana. De certo modo, concordamos com essa posição de C.S. Lewis quando acreditamos ser possível o homem e Deus estarem unidos 100% na questão do sofrimento. O termo usado é “compatibilismo”, que advoga que as decisões dos homens são sempre livres e estão

Deus tem um plano bem maior que a compreensão dos seres humanos possam alcançar³⁰. Dentro desse plano Deus toma algumas decisões que sempre visarão que os homens se voltem para Ele, dentre as quais está o uso do sofrimento para alcançar o fim desejado. Foi o que vimos quando trabalhamos o conceito de megafone em Lewis, segundo o qual Ele “brada em nosso sofrimento (...) para despertar um mundo surdo” (LEWIS, 2009, p. 105-106). Quer dizer que Ele é sempre ativo no sofrimento nos moldes do acontecido no episódio das serpentes em Números 21.4-9? Ou faz uso de intensões e situações externas como aconteceu com Jó? Lewis acreditava ser duas partes de uma mesma verdade (LEWIS, 2009)³¹.

Na visão de C.S. Lewis, Deus não só está por trás do sofrimento, como Ele é a resolução para o mesmo. Ele é o consolo tão necessário para quando o homem está passando por momentos difíceis; e nada é melhor do que Ele para exercer esse papel (LEWIS, 2009 b). Essa ideia delineada por Lewis é apenas um detalhe na perspectiva de Frankl. Porque, para ele, o sofrimento pode ser revertido pelo encontro com o sentido da vida. Não é necessário um encontro com Deus para que isso aconteça, mas na própria busca individual do ser humano ele pode encontrar fora de si algo ou alguém que supra essa necessidade (FRANKL, 2011), que pode ou não ser o próprio Deus.

Certa vez ele afirmou que existem questões na vontade de sentido que só poderiam ser sanadas pelo encontro com o Absoluto. É algo complexo que não pode ser apreendido pelo finito; uma dimensão que está relacionada com o sentido último do ser humano. Em diversos momentos ele deu o nome de *suprassentido*, o que pode ser Deus ou qualquer outro postulado metafísico (FRANKL, 2007). Refere-se ao ato de colocar em prática a autotranscendência, em outras palavras, ir além de si mesmo.

Apesar da sua compreensão de Deus mais parecer com o deísmo kantiano³², ele abre margens para uma concepção sobrenaturalista de Deus na resolução do sofrimento, por

fundamentadas nos seus desejos, mas soberanamente Deus é que rege todo o universo desde a eternidade passada, de um modo que até mesmo aquilo que eu desejo está dentro desse controle eterno, fazendo com que Ele não anule a minha liberdade, e ainda assim continue soberano sobre as minhas ações. Para uma explicação mais detalhada, ver o artigo de Felipe Sabino sobre “Livre-arbítrio e Responsabilidade moral” no site: <https://bereianos.blogspot.com/2013/04/livre-arbitrio-e-responsabilidade-moral.html>.

³⁰ Romanos 11.33-36

³¹ Depois de trabalhar essa ideia, curiosamente ele diz o seguinte: “Ofensas devem acontecer, mas ai daqueles por meio dos quais elas acontecem” (LEWIS, 2009, p. 126).

³² (BÖSCHEMEYER apud AQUINO, 2014)

acreditar em uma dimensão metafísica do ser (AQUINO, 2014). Porém, a forma mais comum vista nos seus escritos para a resolução do sofrimento parte do homem, por meio daquilo que ele chamou de *valor de atitude*. É a atitude que se toma, a postura que se adota diante da vida, quando se depara com uma situação aparentemente sem solução (FRANKL, 2011).

C.S. Lewis não entendia assim, pois, para ele, dentre os benefícios que podem ser extraídos da experiência do sofrimento, os principais estão ligados ao conceito de alegria e a promessa escatológica do céu. Este conceito em Lewis não pode ser confundido com o de sentido em Frankl, ainda que eles comportem pontos de contato. A alegria vem para demonstrar que existe um anseio a ser satisfeito no coração do homem (LEWIS, 2015); por outro lado, o sentido é a resposta para o vazio existencial que há no ser humano (FRANKL, 2015). Perceba-se que um é o anseio, o outro a satisfação. Diferente do sentido, a alegria não pode ser produzida, ela simplesmente vem. É algo inefável, indescritível, transitório e envolve sensitivamente aqueles que a provam (MCGRATH, 2013).

O sentido pode ser alcançado pela autotranscendência, e esta busca explicar a extinção de neuroses noogênicas pela mudança de foco; ou seja, tirar a atenção daquilo que tanto tem trazido ou proporcionado aquele determinado problema, e colocá-la em algo ou alguém. Talvez, como fez o apóstolo Paulo em Atos 17 usando de uma crença grega para apresentar o Deus cristão³³, Lewis tomasse tais conceitos e aplicasse ao Deus cristão, argumentando que enquanto não colocarmos os nossos olhos em Deus, jamais conseguiremos vencer o sofrimento que nos é oferecido dia após dia (NICHOLI, 2005).

Para C.S. Lewis a única forma de saciarmos o anseio que existe em nosso ser é quando reconhecemos que Deus nos dará descanso das nossas fadigas no futuro, no céu que ele prometeu aos seus filhos (LEWIS, 2008). O contraponto visível aqui é entre os sofrimentos terrenos e as alegrias celestiais, onde Deus mesmo será aquele que ampara e consola os sofredores, pois é o único que pode satisfazer o vazio existencial que há em nós (LEWIS, 2009). Mesmo que Viktor Frankl abra margem para essa crença (seria um dos possíveis sentidos a serem encontrados), ele dá mais atenção nos seus escritos a um viés humanista (FRANKL, 2016).

³³ Quando Paulo fez uso do DEUS DESCONHECIDO em At.17.23

Em meio a tudo que tem sido dito sobre o sofrimento, na perspectiva deles, qual seria o propósito de tal fenômeno na vida humana? Se considerarmos que o Sentido em Viktor Frankl pode vir independente do sofrimento (FRANKL, 2007), dá-se que o sofrimento é algo dispensável para que o homem consiga alguma realização existencial. Diferente disso, C.S. Lewis acreditava que um dos propósitos do sofrimento era que o homem se voltasse para Deus ou alcançasse um patamar espiritual diferente, foi o que vimos no conceito de megafone de Deus (LEWIS, 2009). Ou seja, enquanto no escopo psicológico de Frankl o sofrimento não cumpre um papel necessário, Lewis não só vê como necessário, mas algo que está dentro dos planos de Deus para a sua criação.

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentro da Psicologia o sofrimento é considerado um fenômeno legítimo que precisa ser trabalhado para o reestabelecimento do bem-estar do paciente. Semelhantemente, a Teologia arroga a preeminência no trato do sofrimento por ter Deus como resposta última e suficiente. Possivelmente a origem do sofrimento e suas implicações espirituais não sejam o interesse da ciência psicológica. Ao passo que para a Teologia repercute como um dos principais desafios da fé cristã. Na Logoterapia, especificamente, Deus é apenas uma possibilidade no trato do sofrimento humano, à medida que na abordagem teológica de Lewis o sofrimento pode ser solucionado ainda que as alegrias do céu não sejam uma realidade presente.

Observou-se que existe um grande leque de temas relacionados ao sofrimento nas obras de Viktor Frankl e C.S. Lewis. Na perspectiva de C.S. Lewis, o sofrimento humano é um fenômeno causado pelo mal-uso do livre arbítrio humano dado por Deus. O ser humano acaba sofrendo por manusear mal a boa criação de Deus, infligindo sofrimento a si mesmo e ao seu próximo.

Sobre tal potencial para a maldade Viktor Frankl (2008) e C.S. Lewis (2009 b) apresentam ideias que se tocam e concordam, ainda que não na sua totalidade. Somos nós os grandes responsáveis pelo mal que existe no mundo, pois ele faz parte daquilo que nos tornamos após a queda em Gênesis 3³⁴. Essa condição tem impedido os homens de enxergarem a

³⁴ Jó 15:14-1; Salmos 58:3; Romanos 3:9b-12; Efésios 2:1-3.

revelação divina do modo correto³⁵. O padrão de certo e errado não pode ser percebido, pois o padrão de moralidade tem sido deixado de lado. Entretanto, Deus na sua Graça e Misericórdia, não deixou os homens sem testemunho de si mesmo, além das Escrituras³⁶. Colocou no íntimo humano um “vazio existencial”³⁷, “um anseio a ser satisfeito³⁸”, uma necessidade de Deus que brada dentro do coração humano desejando ardentemente pela eternidade³⁹. É um fenômeno ontológico que não apenas grita de sede por Deus, mas chama os homens a uma conduta correta (LEWIS, 2009 b)⁴⁰.

É aqui que o encontro se torna possível, quando Deus expõe para as suas criaturas um terreno comum onde pode se mostrar subjetivamente a eles. Fazendo uso das palavras de Viktor Frankl, é como uma “espiritualidade inconsciente do ser humano, (...) um relacionamento inconsciente com Deus, de uma relação com o transcendente, que, pelo visto, é imanente no ser humano (...)” (FRANKL, 2007, p.58). Não creio que ele quisesse afirmar com esses termos a ideia do *sensus divinitatis*, por exemplo, mas a sua assertiva abre portas valiosas para vermos na Psicologia lampejos não apenas da existência de Deus, mas de um ponto de contato no próprio ser humano.

Concluimos que as duas abordagens em diálogo não inviabilizam a crença em Deus, possibilitando uma resposta satisfatória ao sofrimento humano com base n’Ele e sem desprezar de artifícios da psicoterapia. Deste modo a Teologia nem de perto seria comercializada para o cientificismo moderno, nem a Psicologia precisaria se tornar uma religião. Ambas atuam em suas respectivas áreas, ainda que unidas possam trazer grandes benefícios.

Pela abrangência de assuntos que ainda podem ser desenvolvidos dentro desse tema, vislumbra-se a necessidade de mais pesquisas que encontrem possíveis elos entre os autores, até mesmo no que diz respeito ao sofrimento, tendo em vista a contemporaneidade dos mesmos. Tal discussão gera alternativas tanto para uma nova abordagem sobre o sofrimento, como para o aconselhamento bíblico em casos de sofrimentos por diversos motivos.

³⁵ João 12.40; 2Coríntios 4.4.

³⁶ Atos 14.17

³⁷ FRANKL, 2015.

³⁸ LEWIS, 2015.

³⁹ Eclesiastes 3.11.

⁴⁰ Romanos 2.14-15

REFERÊNCIAS

ABLAE. **Conceitos logoterapia e análise existencial**. Associação brasileira de logoterapia e análise existencial. Disponível em: < <http://ablae.org.br/conceitos> >. Acesso em: 10 de setembro 2018.

AGOSTINHO, Santo. **O livre-arbítrio**. Tradução, organização, introdução e notas de Nair de Assis Oliveira; revisão de Honório Dalbosco. São Paulo: Paulus, 1995.

_____. **A natureza do bem**. In: Mediaevalia: textos e estudos, nº 1 (1992), pp. 36 – 97.

AQUINO, Thiago. **A presença não ignorada de Deus na obra de Viktor Frankl**: articulações entre logoterapia e religião. São Paulo: Paulus, 2014.

BELL, James Stuart; DAWSON, Anthony Palmer (Comp.). **Da biblioteca de C.S. Lewis**: uma seleção de escritores que influenciaram a sua jornada espiritual. São Paulo: Mundo Cristão, 2006.

BÍBLIA SAGRADA, traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. ed. 2. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.

FRANKL, VIKTOR E. **A presença ignorada de Deus**. 10. ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. **A vontade de sentido**: fundamentos e aplicações da logoterapia. São Paulo: Paulus, 2011.

_____. **Em busca de sentido**: um psicólogo no campo de concentração. 25. ed. São Leopoldo: Sinodal ; Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. **O sofrimento de uma vida sem sentido**: caminhos para encontrar a razão de viver. São Paulo: É Realizações, 2015.

_____. **Teoria e terapia das neuroses**: introdução à logoterapia e à análise existencial. São Paulo: É Realizações, 2016.

GREGGERSEN, Gabriele. O Sofrimento em C.S. Lewis: teoria e prática. **Ultimato online**, São Paulo, Março, 2009. Disponível em: <<http://ultimato.com.br/sites/cslewis/2010/01/31/o-sofrimento-em-c-s-lewis-teoria-e-pratica/>> Acesso em: 04 de Julho de 2018.

_____. Sofrer, para quê? Um ensaio sobre o sofrimento no pensamento de C.S. Lewis. **Revista Teológica**, [S.l.], n. 9, fev. 2016. ISSN 1676-2509. Disponível em: <<http://www.teologica.net/revista/index.php/teologicaonline/article/view/22>>. Acesso em: 04 jul. 2018.

_____. Vivendo e aprendendo com C.S. Lewis. **Ultimato online**, São Paulo, Fevereiro, 2010. Disponível em: <<http://ultimato.com.br/sites/cslewis/2010/02/05/vivendo-e-aprendendo-com-c-s-lewis/>> Acesso em: 04 de Julho de 2018.

HERTZ, Bela Rebeca. **A herança judaica na vida e obra de Viktor Emil Frankl**. Curitiba: Juruá, 2011.

LEWIS, Clives S. **A abolição do homem**. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

_____. **Anatomia de uma dor**: um luto em observação. São Paulo: Editora Vida, 2007.

_____. **Cristianismo puro e simples**. 3. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009 (b).

_____. **O peso de glória**. São Paulo: Editora Vida, 2008.

_____. **O problema do sofrimento**. São Paulo: Editora Vida, 2009.

_____. **Os quatro amores**. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009 (c).

_____. **Surpreendido pela alegria**. Minas Gerais: Ultimato, 2015.

MACSWAIN, Robert ; WARD, Michael. **C.S. Lewis: além do universo mágico de Nárnia**. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

MCGRATH, Alister. **A vida de C.S. Lewis: do ateísmo às terras de Nárnia**. São Paulo: Mundo Cristão, 2013.

MOREIRA, Neir; HOLANDA, Adriano. Logoterapia e o sentido do sofrimento: convergências nas dimensões espiritual e religiosa. **Psico-USF**, v. 15, n. 3, p. 345-356, set./dez. 2010.

NICHOLI, Armand M. **Deus em questão: C.S. Lewis e Sigmund Freud debatem Deus, amor, sexo e o sentido da vida**. Minas Gerais: Ultimato, 2005.

_____; MATHIS, David (Org.). **O racionalista romântico**. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2017.

VADELL, Gonzalo. **Vida y obra de Viktor Frankl: introducción a la logoterapia**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Autores de Argentina, 2016. Kindle para PC - 3379 posição.